

## Carta sobre Escrita – 18

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

Salvo erro, temos falado apenas ou quase exclusivamente de escrita literária. Não há nisso qualquer problema, é claro. Mas importa afirmar que a escrita não é apenas literária. De modo nenhum.

Deixaremos de fora desta nossa “conversa” a escrita académica, aquela que tem de ser produzida em ensaios escolares para efeitos de licenciatura, mestrado ou doutoramento ou mesmo em contexto de investigação científica. Também é escrita, também tem o seu valor, mas tem exigências específicas que, sem dúvida, não interessam à maioria dos destinatários destas cartas.

Para lá desta escrita, há ainda outras – todas com muito interesse. Refiro-me, por exemplo, à crónica de jornal ou na rádio, ao diário, à biografia e à carta (talvez hoje devesse dizer e-mail). Não conheço a situação dos vossos países de origem, mas em Portugal a imprensa regional e alguns dos jornais digitais têm falta de textos, pelo que aceitam colaborações de pessoas para lá dos seus profissionais. Este ponto tem a ver, ao mesmo tempo, com a escrita e com a publicação. Poucos são os jornais que estão disponíveis para a publicação de poemas, mas muitos aceitam crónicas – que tragam às páginas do jornal matéria que os profissionais da casa, quando os há, não podem ir colher no mundo. A colaboração com um jornal é de mútuo interesse: para o jornal e para o autor. Além disso, é um exercício de cidadania na comunidade de pertença do referido jornal. E quem diz jornal diz rádio – com a principal diferença evidente de que o escrito num jornal permanece em arquivo e a voz da rádio perde-se de imediato. Refiro acima a biografia. Estamos habituados a pensar a biografia sobretudo como livro. Mas aqui penso-a como texto de jornal. Há, na nossa terra, muitas pessoas com vidas que merecem e que é importante serem contadas. E não apenas pessoas notáveis, já conhecidas e discutidas. Muitas vezes são pessoas que tiveram – ou têm – um papel importante na sociedade local, ou que viveram uma aventura singular ou que praticam uma atividade pouco conhecida ou... Há mil e uma razões a justificarem que uma certa pessoa não caia no esquecimento. Um trabalho desses, bem feito durante anos, constitui uma obra de relevo e pode, se houver oportunidade, dele ser publicada em livro uma seleção.

Referi também a publicação num jornal das proximidades. Mas nada impede a escrita de textos de maior alcance. Não custa imaginar que um autor residente num dos PALOP publique num jornal de um país onde reside uma comunidade da diáspora. Ou vice-versa: mensagens para “casa” de quem vive longe. Nestes casos, é importante ter boa sensibilidade para o que faz sentido “lá” onde a voz escrita quer chegar.

A escrita epistolar (epístola = carta) está a desaparecer. Quando a comunicação se fazia sobretudo através do serviço dos correios, a carta era uma modalidade de primeira importância. As cartas dão-nos, de muitos escritores, os seus cuidados e o seu mundo, o seu pensamento e as suas emoções, e são uma forma de presença distante junto de outros –

escritores ou familiares ou pessoas ilustres ou sei lá quem mais. Hoje, com as cartas a serem substituídas por telefonemas ou mensagens breves... não há nenhuma razão para deixar no esquecimento que também o e-mail é uma forma de comunicação com assinatura. Talvez não tão relevante como a velha carta em papel, mas quem sabe... Não há razão para o e-mail ser descuidado. A pressa não é razão e o desleixo ainda menos. Um e-mail também é o retrato do seu autor.

Outra modalidade de escrita é o diário, a escrita de circunstância ao correr dos dias, sem pretender outro fio condutor que a linha do tempo. Há toda uma literatura diarística, embora mais importante nuns países e quase ausente noutros. Mais uma razão para a ter em conta. Tal como nas cartas, no diário temos o autor e os seus pensamentos, mas também o testemunho dos dias que ele tece com os concidadãos face aos problemas do seu tempo. Se um jovem escritor de hoje redigir um diário de qualidade, dentro de cem anos será um documento histórico precioso. “Mas quem é que escreve para daqui a cem anos?”, pode alguém perguntar. Não sei, respondo. Mas a escrita de um diário é um campo de treino que não exige uma amplitude de concepção como o romance ou mesmo a novela e o conto, nem a elaboração de um poema. O diário é uma modalidade de escrita acessível a qualquer pessoa. E na escrita fragmentária do diário pode ser desenvolvida a capacidade de expressão que qualquer jovem autor precisa de treinar e amadurecer.

E se para alguém o diário representa uma distância ainda maior, potencialmente infinita, de publicação, há a alternativa do blogue: por um lado, disponível a qualquer autor que tenha internet, por outro à mão de qualquer possível leitor em qualquer lugar, apenas com a limitação da língua em que se escreve. E há pessoas que se revelaram num blogue, foram aí descobertas e depois chamadas para outros voos de publicação.

O nosso mundo é muito mais complexo do que possa parecer à primeira vista. E os jovens de hoje têm muito mais sensibilidade para o digital que os velhos do meu tempo. Há que estar atento, procurar e partilhar com outros interessados tanto a busca como o que se encontra. O importante é escrever, escrever sempre, melhorar sempre... e ir observando o mundo, o que ele nos pede e as possibilidades que nos oferece. Digo-o de modo explícito: aquele que escreve pode estar motivado não apenas pela “literatura”, não apenas pela “fama do escritor”, mas sobretudo interessado em agir pela palavra, em participar no seu mundo pela escrita. E se um país ganha muito em ter bons poetas, contistas, romancistas... ficará também mais rico se tiver bons cronistas, bons pensadores...

Portanto, mãos à obra, seja lá de que forma for – desde que venha acrescentar valor à vida que vivemos em comunidade, local ou regional, nacional ou internacional.

Junho de 2023

José A. Jana